

Etnopedologia: Classificação popular e científica de um perfil de solo na comunidade quilombola Os Rufinos, Pombal-Paraíba

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.010-069>

Rodolfo Trigueiro de Almeida

Mestre em Sistemas Agroindustriais - UFCG
E-mail: rodolfotrigueiro1@hotmail.com
LATTES: 1125915094620025

E-mail: engleonardo.ambiental@gmail.com
LATTES: 7974052206561965

Jussara Silva Dantas

Doutora em Agronomia (Ciência do Solo) - UNESP
Docente da Unidade Acadêmica de Engenharia Florestal - UFCG
E-mail: jussara.silva@professor.ufcg.edu.br
LATTES: 3581069049274613

Tiago Silva Santos

Engenheiro Agrônomo - UFCG
Miriri Alimentos e Bioenergia S/A
E-mail: ttiagosantos1993@gmail.com
LATTES: 3072168760296274

Jefferson Luan de Araújo Regis

Engenheiro Agrônomo - UFCG
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais - UFCG
E-mail: jefferson.luan@estudante.ufcg.edu.br
LATTES: 8607189801282679

Rosy Carina de Araújo Ventura

Engenheira Ambiental - UFCG
E-mail: rosycaryna@hotmail.com
LATTES: 4530371679477528

Leonardo José Silva da Costa

Mestre em Ciências Florestais - UFCG
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais - UNESP

Francisco Alves da Silva

Mestre em Horticultura Tropical
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola - UFCG
E-mail: chico.lis@hotmail.com
LATTES: 7603029169428951

RESUMO

A cultura de um povo se mede pelo que ela produz enquanto manifestação, material ou imaterial de suas expressões cotidianas, sejam elas simbólicas, discursivas ou no espectro de uma economia doméstica que tem sua essência fundada como molde de expressão da cultura e da identidade do lugar. Com isso, neste trabalho procuramos compreender a forma de classificação do solo de acordo com o uso e destinação desse solo para a produção das cerâmicas na Comunidade Quilombola os Rufinos no município de Pombal-PB. O estudo dos nomes locais de solos pode colaborar para o avanço do conhecimento formal, bem como para a elaboração de estratégias socialmente apropriadas de manejo. Se um(a) quilombola denomina alguns solos com base nas características da camada arável isso não quer dizer que, necessariamente ele(a) desconheça o que está abaixo dessa camada. A etnopedologia possibilita o diálogo entre o conhecimento popular e o conhecimento técnico científico, debatendo a conexão de saberes do que já sabemos e o que ainda podemos aprender. O conhecimento popular origina-se da experiência pessoal de cada indivíduo, transmitido de uma geração para outra, por meio de fatos, histórias e argumentos, por meio do convívio diário com as variações do clima, vegetação e solo. Buscando compreender os recursos naturais por um olhar menos técnico, porém suficiente para o desenvolvimento de suas atividades. Assim, nesse trabalho, foi possível descrever um perfil de solo de acordo com as condições de uso da comunidade e também de acordo a sociedade científica.

Palavras-chave: Barro de loiça, Produção artesanal, Quilombola.

1 INTRODUÇÃO

A cultura de um povo se mede pelo que ela produz enquanto manifestação, material ou imaterial de suas expressões cotidianas, sejam elas simbólicas, discursivas ou no espectro de uma economia doméstica que tem sua essência fundada como molde de expressão da cultura e da identidade do lugar. Sendo assim, o lugar da oralidade ganha destaque quando a comunidade passa a ser objeto de estudo e é dada a ela a prerrogativa de falar de si mesma por meio de seus moradores (Rufino, 2018).

O conhecimento popular origina-se da experiência pessoal de cada indivíduo, transmitido de uma geração para outra, por meio de fatos, histórias e argumentos, através do convívio diário com as variações do clima, vegetação e solo. Buscando compreender os recursos naturais por um olhar menos técnico, porém suficiente para o desenvolvimento de suas atividades surge a etnopedologia, que possibilita o diálogo entre o conhecimento popular e o conhecimento técnico científico, debatendo a conexão de saberes do que já sabemos com o que ainda podemos aprender, despertando um diálogo essencial entre agricultores e pesquisadores da ciência do solo (Araújo *et al.*, 2013).

Os estudos etnopedológicos têm sido predominantemente discutidos quanto ao seu uso agrícola, dando pouca atenção a outros campos de atuação. Os solos não são apenas substratos naturais, mas sim, uma maneira de representação da identidade cultural de um determinado local, carregando a história e a trajetória do lugar, a partir de análises feitas nos componentes físicos, químicos e biológicos, podemos minuciosamente compreender de forma mais ampla e contextualizada sua relação no contexto social e ambiental (Ferreira; Falcão, 2023).

Pequenos agricultores e/ou artesãos locais selecionam o seu material de trabalho denominado "barro de loiça" utilizada como recurso cerâmico baseado na resistência dura que apresenta fendas no solo, tais características são definidas pela manifestação das forças físicas de coesão e adesão entre as partículas do solo e outros materiais. Essas fendas são causadas pela atividade da fração argila de alta atividade, que apresenta expansão e contração mais acentuadas por efeito dos processos pedogenéticos (Alves *et al.*, 2005; Santos *et al.*, 2015).

Em grande parte, os solos que se enquadram nas classes dos Planossolos são utilizados para a produção de cerâmica, pois apresentam características específicas que são valorizadas pelos artesãos locais. Essa porção é extraída do horizonte 2Bt afetados por Na, que é caracterizado por uma alta atividade da fração argila (Alves *et al.*, 2005).

Desta forma, esta pesquisa objetivou-se a estudar a relação do homem com o conhecimento do solo sob a perspectiva popular da produção artesanal correlacionando com a classificação de solos no meio científico, evidenciando os valores da cultura e da tradição local quanto ao uso do "barro de loiça" permeada nas experiências vividas com o lugar e com a natureza. Na busca de identificar a visão etnopedológica da comunidade remanescente de quilombo denominada "Os Rufinos".

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida com a comunidade remanescente quilombola denominada de "Os Rufinos", situada no sítio São João I, zona rural no município de Pombal-PB, alto sertão paraibano, com coordenadas geográficas 6°42'37" S e 37°45'35" O, com elevação de 170 m.

Foi realizada uma visita em campo, ao local utilizado pelos artesãos para a retirada do "barro de loiça", denominado por eles de "buraco", que na verdade é uma trincheira aberta de forma manual e utilizada há anos para a extração da matéria prima, que foi aproveitada para a descrição do perfil de solo. Em sequência, os artesãos realizaram a descrição do perfil de solo de acordo com os seus conhecimentos populares, explicando cada camada do solo em conformidade com o uso e a finalidade dada por eles. Em seguida, foi realizada a descrição do perfil de solo, do modo científico, utilizando as recomendações do Manual de Descrição e Coleta de Solo no Campo de Santos *et al.* (2015).

Com os horizontes definidos no perfil de solo, realizou-se a coleta de cada um, formando as amostras que foram separadas em sacos, identificados e encaminhados para o Laboratório de Solos e Nutrição de Plantas do Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Pombal, para a realização das análises físicas e químicas.

Em campo foram realizadas as análises morfológicas de cada horizonte, onde se verificou a cor segundo a Carta de Munsell®, a estrutura, porosidade e raízes, consistência, transição entre os horizontes e a presença de nódulos e concreções seguindo as orientações dadas por Santos *et al.* (2015). Durante todo o processo de classificação em campo, foram debatidos os conhecimentos populares explicados pelos artesãos e as explicações científicas feitas pela equipe.

As análises de laboratório são compostas por caracterização física e caracterização química. As amostras foram secas ao ar, destorroadas e, passadas em peneira de malha de 2,00 mm obtendo-se terra fina seca ao ar (TFSA) para fins de caracterização física e química. A análise granulométrica (areia, silte e argila) de cada horizonte foi realizada utilizando-se o método do densímetro ASTM nº 1 - Tipo 152H (com escala Bouyoucos em $g L^{-1}$), de cada horizonte dos perfis descritos conforme o Manual de Métodos de Análise de Solo da Embrapa (Teixeira *et al.*, 2017).

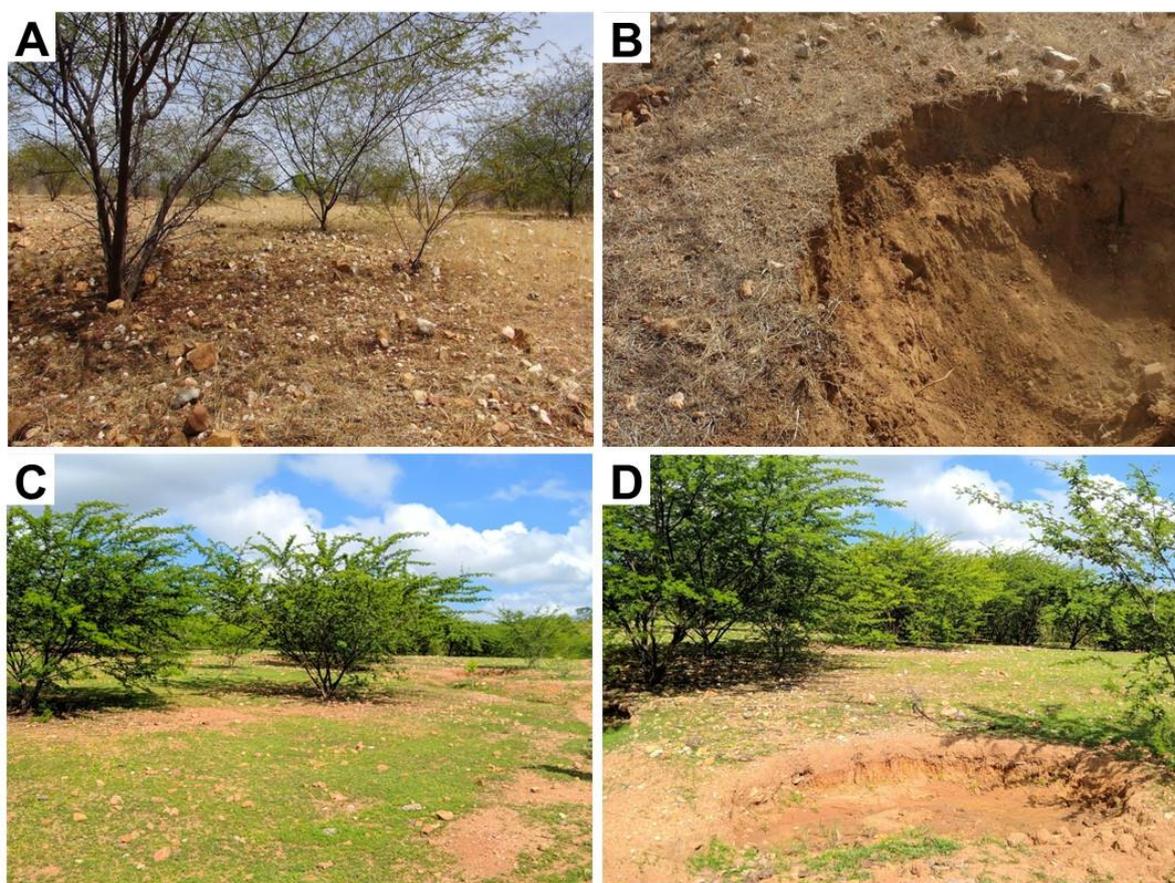
Quanto a análise química do solo, foram as seguintes: pH em $CaCl_2$ 0,01 mol L^{-1} , na relação 1:2,5 (solo:solução); cálcio, magnésio e alumínio trocáveis, extraídos com solução de KCl 1 mol L^{-1} , quantificados por titulação com padrão de EDTA 0,0125 mol L^{-1} (Ca e Mg); Al por titulação com solução $NaOH$ 0,025 mol L^{-1} ; potássio e sódio trocáveis extraídos com solução de (HCl 0,05 mol L^{-1} e H_2SO_4 0,0125 mol L^{-1}) foram quantificados por fotometria de chama; fósforo disponível extraído e determinado por colorimetria (Teixeira *et al.*, 2017).

A classificação do perfil de solo foi realizada utilizando-se a 5ª edição do Sistema Brasileiro de Classificação de Solos – SiBCS (Embrapa, 2018), sendo classificado a nível de subgrupos, ou seja, até o quarto nível categórico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A paisagem apresentada na figura 1 é caracterizada por um ambiente semiárido em que temos o ambiente no período seco e chuvoso, possibilitando observar a baixa cobertura vegetal em torno do perfil de solo ou “buraco” também chamado pelos moradores da comunidade quilombola. No local a jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*) é a espécie dominante, que de acordo com Azevêdo *et al.* (2012) é pioneira, nativa da região semiárida, apresentando um sistema radicular profundo que permite o seu desenvolvimento em solos degradados, notadamente, na ocupação inicial e secundária das áreas degradadas ou em processo de degradação. Além disso, a superfície do solo, apresenta índices de material pedregoso de classificações e tamanhos variados.

Figura 1. Apresentação da paisagem onde localiza-se o “buraco” de extração de argila e o perfil de solo descrito, em que A e B correspondem ao período seco e C e D ao período chuvoso.



Fonte: arquivo pessoal.

A descrição popular realizada pelos artesãos é apresentada na tabela 1, que consiste na percepção da comunidade em dividir o solo em camadas de acordo com a sua utilidade para os fins de produção a que se destina este solo. No discurso dos artesãos, os materiais foram reconhecidos em camadas horizontais, como partes relativamente independentes, e não como unidades de um corpo tridimensional.

Tabela 1. Descrição popular do perfil de solo de acordo com os artesãos.

| | |
|-----------|--|
| 1ª camada | 0-22 cm, TERRA DE SUPERFÍCIE, terra solta e boa para o plantio de roçado com milho e feijão. |
| 2ª camada | 22-69 cm, BARRO DE LOIÇA, terra endurecida, difícil de se quebrar, muito boa para a produção das peças de barro. |
| 3ª camada | 69-81 cm, BARRO DE LOIÇA + MASSA DE TATU, é uma terra que tem o barro de loiça misturada com uma outra espécie de terra, que não é boa pra produzir as peças de barro. |
| 4ª camada | 81-87 cm+, MASSA DE TATU, é a terra pura que não tem barro bom pra produzir as peças de barro. |

A primeira camada, foi denominada de terra de superfície, tendo em vista as características de um solo mais solto e escurecido, que na percepção deles, é um solo ideal para o cultivo de culturas anuais no sistema de roçado, a exemplo do milho e feijão. Na extração do solo para a confecção das cerâmicas, essa camada é descartada, sendo lançada ao entorno do “buraco”.

A segunda camada do solo, é a mais espessa com 47,0 cm, constitui o barro de loiça, material que é extraído para a produção artesanal, que de acordo com os artesãos é uma terra endurecida, sendo evidente a concentração de argila, ao qual eles chamam de barro, com uma estrutura difícil de se desfazer, sendo necessária a utilização de ferramentas como a picareta para se realizar a extração.

A terceira camada do “buraco”, eles chamam de mistura da camada anterior (barro de loiça) com a camada seguinte (massa de tatu), o que difere desse material é a presença de material que se misturam, e de acordo com um dos artesãos, é necessária experiência para realizar a separação dessas camadas, em caso de confundir, no momento da coleta, e este material venha a ser utilizado na confecção das peças cerâmicas, o acabamento não será de boa qualidade, podendo acontecer a rachadura das peças, inutilizando para a comercialização.

A quarta e última camada do solo, é a massa de tatu propriamente dita. Foi dado esse nome, por ser uma camada sem uso algum nas atividades artesãs da comunidade, referindo-se ao tatu, espécie local da fauna da Caatinga, que costuma utilizar de tocas escavadas a profundidades do solo para se abrigar, desta forma, na percepção da comunidade, nessa profundidade do solo, não existe a necessidade de extração de material, deixando-o disponível para o tatu fazer sua morada.

A figura 2 apresenta o perfil de solo, na percepção de “buraco” para extração do material e sua divisão em camadas, de acordo com o uso atribuído pelos artesãos.

Figura 2. Apresentação do perfil de solo com a classificação popular.



Fonte: arquivo pessoal.

A descrição geral do perfil em estudo é apresentada na Tabela 2. Localizado em área de clima do tipo BSh da classificação de Köppen-Geiger, relevo suave ondulado e elevação de 170 m em relação ao nível do mar. Tendo a litologia de gnaisses e migmatitos, com formação geológica na Super Suíte I - suíte granítica calcialcalina de médio a alto potássio e cronologia do Neoproterozóico. O material originário deve-se a materiais retrabalhados de produtos de alteração de Granito e granodiorito grossos a porfíricos associados a diorito e a fases intermediárias de mistura.

Tabela 2. Descrição geral de um perfil de solo na comunidade quilombola "Os Rufinos", Pombal – PB.

| |
|---|
| <p>DESCRIÇÃO GERAL</p> <p>PERFIL 01</p> <p>DATA - 04.08.2018</p> <p>CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR - BRUNO NÃO CÁLCICO (Embrapa, 1979).</p> <p>CLASSIFICAÇÃO SiBCS - PLANOSSOLO NÁTRICO Carbonático típico, textura média pouco cascalhenta, fase erodida, relevo suave ondulado.</p> <p>UNIDADE DE MAPEAMENTO - SNk</p> <p>LOCALIZAÇÃO, MUNICÍPIO, ESTADO E COORDENADAS - Comunidade Rural Quilombola “Os Rufinos”, Sítio São João I, a 22 km do Centro do Município de Pombal, Paraíba, coordenadas 6°42’37” S e 37°45’35” W Gr.</p> <p>SITUAÇÃO, DECLIVE E COBERTURA VEGETAL SOBRE O PERFIL - Descrito e coletado em trincheira aberta manualmente, em barreira de extração de argila para confecção de cerâmica artesanal, com relevo suave ondulado e com cobertura vegetal nativa.</p> <p>ELEVAÇÃO - 170 m.</p> <p>FORMAÇÃO GEOLÓGICA - Super Suíte I - Suíte granítica calcialcalina de médio a alto potássio</p> <p>CRONOLOGIA - Neoproterozóico</p> <p>MATERIAL ORIGINÁRIO - Granito e granodiorito grossos a porfiríticos associados a diorito e a fases intermediárias de mistura.</p> <p>PEDREGOSIDADE - Não pedregosa.</p> <p>ROCHOSIDADE - Não rochosa.</p> <p>RELEVO LOCAL - Suave ondulado.</p> <p>RELEVO REGIONAL - Suave ondulado.</p> <p>EROSÃO - Ligeira.</p> <p>DRENAGEM - Moderadamente drenado.</p> <p>VEGETAÇÃO PRIMÁRIA - Caatinga Hiperxerófila.</p> <p>USO ATUAL - Extração de argila para confecção de material cerâmico.</p> <p>CLIMA - BSh segundo Köppen-Geiger.</p> <p>DESCRITO E COLETADO POR - Jussara Silva Dantas, Rodolfo Trigueiro de Almeida, Jefferson Luan de Araújo Regis, Leonardo José Silva da Costa, Tiago da Silva Santos, Rosy Carina de Araújo Ventura e Francisco Alves da Silva.</p> |
|---|

Na Tabela 3 são apresentadas as características morfológicas do solo de acordo com o aspecto científico. É possível observar que não existe um padrão de homogeneidade no comportamento da textura, estrutura e consistência (Tabela 2). O horizonte Bt1, utilizado para a extração do solo para o uso na confecção das peças cerâmicas apresenta uma estrutura colunar, característica de solos com alta concentração de argila, evidenciado também na consistência quando molhada sendo muito plástica e muita pegajosa, ao qual explica-se a sua condição favorável para o trabalho artesanal realizada na comunidade quilombola.

Tabela 3. Descrição morfológica de um perfil de solo na comunidade quilombola "Os Rufinos", Pombal – PB.

| | |
|--|---|
| E | 0-22 cm, bruno-escuro (7,5YR 3/3, úmida), bruno-amarelado-escuro (10YR 4/4, seca); franco-arenosa pouco cascalhenta; moderado muito pequena a grande, blocos subangulares; macia, friável, não plástica e não pegajosa; transição plana e clara. |
| Bt ₁ | 22-69 cm, bruno-forte (7,5YR 5/8 úmida); franco-argilosa pouco cascalhenta; forte pequena a muito grande, colunar; muito dura, muito firme, muito plástica e muito pegajosa; transição plana e clara. |
| Bt ₂ | 69-81 cm, bruno-amarelado (10YR 5/4, úmida); franco-argiloarenosa pouco cascalhenta; forte pequena a grande, blocos angulares; muito dura, firme, ligeiramente plástica e ligeiramente pegajosa; transição plana e clara. |
| Bt ₃ | 81-87 cm+, bruno-amarelado-escuro (10YR 4/4, úmida); franca pouco cascalhenta; forte pequena a grande, blocos angulares; cerosidade abundante e forte; ligeiramente dura, friável, ligeiramente plástica e não pegajosa; transição plana e clara. |
| <p>Observações:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Solo com ausência de horizonte A, o A foi erodido; 2. Efervescência para Manganês no horizonte Bt₁; 3. Efervescência para carbonato de cálcio no horizonte Bt₃. | |

Foi observado fendilhamento vertical, com fendas de 2 a 5 mm de largura no horizonte Bt₁. Não foi observado fendilhamentos na superfície do solo. Também foi observado presença de pontuações escuras de manganês no horizonte Bt₁ e esbranquiçadas de carbonato de cálcio no horizonte Bt₃. Estes horizontes apresentam estrutura colunar e blocos angulares de grau muito firme e ligeiramente dura, respectivamente. Com características de cerosidade abundante e forte no horizonte Bt₃, e não foi identificado mosqueados ao decorrer do perfil.

A análise da textura revela predomínio da fração areia em todos os horizontes do perfil, com maiores teores de areia grossa nos horizontes superficiais, com excessão do horizonte Bt₁ em que a fração argila tem predomínio, (Tabela 4). A fração areia fina foi a que apresentou maiores quantidades nos horizontes Bt₂ e Bt₃ e a fração areia grossa foi superior nos horizontes E e Bt₁.

Tabela 4. Atributos físicos de um perfil de solo na comunidade quilombola "Os Rufinos", Pombal – PB.

| Hor. | Prof. | AREIA GROSSA | AREIA FINA | AT | ARG | SIL | S/A | GD | GF |
|-----------------|-------|--------------------------------|------------|-----|-----|-----|-----|-------------|----|
| | cm | ----- g.Kg ⁻¹ ----- | | | | | | -----%----- | |
| E | 0-22 | 273 | 374 | 647 | 130 | 223 | 1,7 | 35 | 65 |
| Bt ₁ | 22-69 | 171 | 211 | 382 | 396 | 222 | 0,5 | 74 | 26 |
| Bt ₂ | 69-81 | 100 | 438 | 538 | 199 | 263 | 1,3 | 70 | 30 |
| Bt ₃ | 81-87 | 89 | 427 | 516 | 198 | 286 | 1,4 | 59 | 41 |

Hor.: Horizonte; Prof.: Profundidade; AT: Areia Total; ARG: Argila; SIL: Silte; ADA: Argila Dispersa em Água; S/A: Relação Silte-Argila; GD: Grau de Dispersão, GF: Grau de Floculação.

Os horizontes E e Bt₁ apresentam pH ácido, enquanto o horizonte Bt₂ apresentou pH neutro e Bt₃ pH alcalino analisando o pH em água. Os teores de matéria orgânica foram em relação a textura do solo. Em relação às bases encontradas nos horizontes, percebe-se que os teores de Ca⁺² e Mg⁺² foram

bem superiores no horizonte Bt₃. O Na⁺ aumenta em profundidade, e foi bem expressivo no horizonte Bt₃ caracterizando o solo em estudo com caráter nátrico (Tabela 5).

Tabela 5. Atributos químicos de um perfil de solo na comunidade quilombola "Os Rufinos", Pombal – PB.

| Hor. | Prof. | pH | | M.O. | Na ⁺ | K | P | Mg ⁺² | Ca ⁺² | Al ⁺³ | H+Al |
|-----------------|-------|------------------|-------------------|--------------------|-------------------------------|-------|-----|--|------------------|------------------|------|
| | | H ₂ O | CaCl ₂ | g kg ⁻¹ | -----mg/dm ³ ----- | | | ----- cmol _c dm ⁻³ ----- | | | |
| E | 0-22 | 6,1 | - | 6,73 | 0,17 | 43,01 | 4 | 2,1 | 3,4 | 0,0 | 3,1 |
| Bt ₁ | 22-69 | 5,6 | - | 7,34 | 1,96 | 66,47 | 0,8 | 14,1 | 11,2 | 0,0 | 4,5 |
| Bt ₂ | 69-81 | 7,0 | - | 3,26 | 3,97 | 35,19 | 792 | 13,3 | 11,0 | 0,0 | 0,0 |
| Bt ₃ | 81-87 | 7,8 | - | 2,04 | 6,46 | 46,92 | 506 | 17,2 | 14,7 | 0,0 | 0,0 |

Hor.: Horizonte; Prof.: Profundidade; M.O.: Matéria Orgânica; Na⁺: Sódio; K: Potássio; P: Fósforo; Mg⁺²: Magnésio; Ca⁺²: Cálcio; Al⁺³: Alumínio; H+Al: Hidrogênio+Alumínio.

Os horizontes do perfil em estudo apresentam uma disponibilidade de nutrientes, com altos valores de soma de bases (SB), alta capacidade de troca de cátions (CTC), com teores nulos de alumínio trocável (Al³⁺) e conseqüentemente de saturação por Al³⁺ (m) (Tabelas 5 e 6). Analisando o perfil em estudo, verificam-se elevadas concentrações de bases trocáveis (K⁺, Na⁺, Ca²⁺, Mg²⁺) (Tabela 5), e saturação por bases (V) (Tabela 6). O horizonte Bt₃ apresentou pontuações esbranquiçadas que efervesceram na presença do HCl, sendo caracterizado com caráter carbonático, e o horizonte Bt₁ apresentou pontuações escuras que efervesceram na presença do peróxido de hidrogênio (água oxigenada volume 10).

Tabela 6. Atributos químicos de um perfil de solo na comunidade quilombola "Os Rufinos", Pombal – PB.

| Hor. | Prof. | SB | t | CTC | V | m | PST |
|-----------------|-------|--|------|------|---------------|---|-----|
| | | ----- cmol _c dm ⁻³ ----- | | | ----- % ----- | | |
| E | 0-22 | 5,8 | 5,8 | 8,9 | 65 | 0 | 1 |
| Bt ₁ | 22-69 | 27,4 | 27,4 | 31,9 | 86 | 0 | 7 |
| Bt ₂ | 69-81 | 28,4 | 28,4 | 29,4 | 100 | 0 | 14 |
| Bt ₃ | 81-87 | 38,5 | 38,5 | 38,5 | 100 | 0 | 15 |

Hor.: Horizonte; Prof.: Profundidade; SB: Soma de Bases Trocáveis; T: Capacidade de Troca de Cátions Efetiva; CTC: Capacidade de Troca de Cátions a pH 7,0; V: Percentagem de Saturação por Bases; m: Percentagem de Saturação por Alumínio; PST: Percentagem de Sódio Trocável.

O perfil do estudo apresentou mudança textural plana e clara, estrutura colunar (figura 3) no horizonte Bt₁, sendo classificado com Planossolo no primeiro nível categórico, sendo enquadrado como Nátrico no segundo nível categórico. Carbonático no terceiro nível categórico e no quarto nível categórico foi classificado como típico.

Figura 3. Estrutura colunar do horizonte Bt₁.



Figura 4. Apresentação do perfil de solo.



4 CONCLUSÃO

1. O perfil estudado foi adequadamente classificado no Sistema Brasileiro de Classificação até quarto nível categórico, sendo classificado como PLANOSSOLO NÁTRICO Carbonático típico.

2. Os artesãos foram capazes de distinguir, identificar e nomear, ao seu modo, os seguintes materiais de solo ao longo dos perfis: “terra de superfície”, “barro de loiça”, “massa de tatú + barro de loiça”, “massa de tatú”. Esses materiais apresentaram-se distribuídos em estratos ao longo do perfil de solo, de modo comparável ao arranjo dos horizontes pedogenéticos.

3. A cor, a consistência e a quantidade de fendas foram usadas pelos artesãos e pesquisadores para distinguir amostras de solo, embora tenham sido usados de diferentes maneiras por esses dois grupos.

4. O material cerâmico mais utilizado pelos artesãos locais era o "barro de loiça" com alta concentração de argila, que era avaliada principalmente através do uso da visão e do tato. Na área estudada, a argila correspondia a uma camada específica do solo, pertencente ao horizonte Bt1 de Planossolos afetados por Na.

5. Recomenda-se que as pesquisas etnopedológicas sejam constantes e abordem o conhecimento dos artesãos sobre variações de solo, tanto na superfície (camada arável) e indicado por eles como terra boa para produzir, como em profundidade, tendo em vista que tais estudos em contextos específicos contribuem para o avanço da pedologia e para melhor compreensão e valorização do saber desses importantes autores da cultura brasileira.



REFERÊNCIAS

ALVES, Â. G. C. et al.. Caracterização etnopedológica de Planossolos utilizados em cerâmica artesanal no Agreste Paraibano. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, v. 29, n. 3, p. 379–388, maio 2005.

ARAÚJO, A. L. de. et al.. Etnopedologia: uma abordagem das etnociências sobre as relações entre as sociedades e os solos. *Ciência Rural*, v. 43, n. 5, p. 854–860, maio 2013.

AZEVÊDO, S. M. A. de; BAKKE, I. A.; BAKKE, O. A.; FREIRE, A. L. de O. Crescimento de plântulas de jurema preta (*Mimosa tenuiflora* (Wild) Poiret) em solos de áreas degradadas da Caatinga. *Engenharia Ambiental – Espírito Santo do Pinhal*, v. 9, n. 3, p. 150-160, jul/set. 2012. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/312451092_Crescimento_de_plantulas_de_jurema_preta_Mimosa_tenuiflora_Wild_Poiret_em_solos_de_areas_degradadas_da_caatinga. Acesso em: 27 de maio de 2024.

NASCIMENTO FERREIRA, N.; LIMA DA COSTA FALCÃO, C. ETNOPEDOLOGIA, UM ESTUDO SOBRE OS ARTESÃOS DA AREIA DE BEBERIBE/CE. *Revista Territorium Terram*, [S. l.], v. 4, n. 06, 2023. Disponível em: http://periodicos.ufsj.edu.br/territorium_terram/article/view/5174. Acesso em: 27 fev. 2024.

RUFINO, Thiago Batista. A formação da comunidade quilombola remanescente ‘Os Rufinos’ no município de Pombal-PB (2011-2018). 2018. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2018.

SANTOS, H.G. [et al.]. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. 5ª edição, revista e ampliada – Brasília, DF: Embrapa, 2018.

SANTOS, R.D.; LEMOS, R.C.; SANTOS, H.G.; KER, J.C. & ANJOS, L.H.C. Manual de descrição e coleta de solo no campo. 7.ed. Viçosa, MG, Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2015. 101p.

TEIXEIRA, P.C. [et al.]. Manual de métodos de análise de solo. Editores técnicos. – 3. ed. rev. e ampl. – Brasília, DF : Embrapa, 2017. 574 p.